

O ESCRITOR ALMEIDA FISCHER

Caio Porfírio Carneiro

Quando conheci Almeida Fischer? Não sei. Provavelmente numa das suas visitas à sede da União Brasileira de Escritores, quando vinha de Brasília para Piracicaba, sua terra natal. Ele gostava de uma boa cervejinha, no bar da entidade ou em algum restaurante, em agradáveis reuniões noturnas. Tipo mediano, um tanto forte, avermelhado, olhos vivos e mais para azuis, calmo de gestos, risonho e simpático. Os bate-papos com ele, em rodas de amigos, às vezes entravam pela noite. Lembrava um pouco um daqueles boêmios à antiga, pela polidez dos gestos, bem penteado, bem vestido, elegante até nas tragadas que tirava dos cigarros que fumava seguidamente.

Professor em Brasília, gostou dos ares de lá e lá ficou muitos anos, até o final dos seus dias. Para minha satisfação, apreciava o que eu escrevia e deu destaque, em artigos, a mais de um livro meu. Incluiu-me, com outros nomes de expressão nacional, na coleção que organizou de contistas brasileiros, lançada pela Editora Horizonte, da Capital Federal, com o apoio do Instituto Nacional do Livro. Trabalho padronizado, bem feito, com tiragem de cinco mil exemplares cada, e o título uniforme: "Dez contos de fulano...", "Dez contos de cicrano..." Coleção 10. Porque eram dez contos selecionados de dez contistas. Ele, excelente contista, reultou muito em entrar na coleção. Dizia-me que não ficava bem ele, que a organizara, participar da mesma. Mas entrou e eu fui enfático:

-Besteira, Fischer. Você é muito bom. Devia ser o primeiro



Almeida Fischer

divulgação

da coleção. Há um mundo de gente aí, e você conhece, que vive à sombra do poder só para aparecer.

Foi um grande divulgador das nossas letras e da nossa cultura. Organizou vários encontros de escritores em Brasília, fundou a Associação Nacional de Escritores da Capital Federal e fez lançamentos de livros de escritores de outros Estados. Sem tirar nenhum proveito disso.

Embora escritor de talento e inegáveis méritos, creio que Almeida Fischer batalhou mais pelos outros do que para si mesmo. Além dos volumes onde reuniu seus ensaios e trabalhos críti-

cos, deixou uma obra de ficção da melhor qualidade. Livros como *O Rosto Perdido*, *De repente a Primavera* e *Memorial de Inverno*, para só citar estes, nada devem aos que de melhor fizeram e fazem as nossas letras. Senhor de um estilo elegante, sóbrio, filigranado de sutis achados, rico de nuances harmoniosas, que dão bem a medida do quanto o idioma português, com as nossas particularidades, pode se vestir artisticamente, se é um mestre e um bom cinzelador quem com ele lida.

Para além da nossa amizade, fui um admirador incondicional da beleza do seu estilo. E não

era só o escrever bem e com elegância. Os diálogos oportunos, as tramas bem urdidas dos seus trabalhos ficcionais, tinham e têm um calor próprio e humaníssimo.

Recordo as conversas descontraídas, nas mesas de bares, de que ele tanto gostava, juntamente com o escritor piracicabano, seu conterrâneo, Adriano Nogueira, e a bela poetisa Rosani Abou Adal, diretores do excelente tablóide literário *Linguagem Viva*. Rosani tinha por ele uma carinhosa afeição. Ela quem me deu a notícia de sua doença cardíaca. Safenado, tudo se complicou.

Nascido em 1916, Osvaldo de Almeida Fischer viria a falecer em 1991, ainda com bastante vigor para muitos outros anos de trabalho útil pela literatura brasileira e pela sua própria. Deixou inédito um belíssimo romance, que tive o prazer de ler no original. Obra de conflito familiar e suas solidões, em andamento poético e um pouco doído. Tudo fez para publicá-lo em vida. Como morreu um pouco em cima do texto, em anos de elaboração, só aceitaria, como me disse, lançá-lo por uma editora de boa distribuição. Recebeu promessas, mil promessas, mas não viu o livro nas vitrinas das livrarias.

Guardo dele muitas cartas afetuosas e a gratidão de ele ter acreditado nos meus escritos, aos quais deu tanta força para divulgação, a troco de nada.

A troco, apenas, de uma amizade tranqüila que se extravasava nas conversas descontraídas, entre copos de cerveja e tira-gosto com pedacinhos de queijo...

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista, historiador e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Nossas Homenagens

No mês de março são comemorados os dias do Bibliotecário (12), Mundial da Poesia (21), Internacional das Mulheres (8), Nacional da Poesia e Nacional dos Animais (14).

A Poesia é o alimento da alma. Todo dia é de Poesia; bem como das mulheres que são imprescindíveis nas lutas e conquistas da nossa sociedade. O livro alimenta nosso coração e mente e ilumina nosso espírito.

O bibliotecário exerce papel importante para manter sempre vivos o livro e a nossa Cultura e para nutrir nossas vidas e almas.

Sem livros jamais os homens aprenderão a amar seus semelhantes e os animais.

Nesta edição prestamos homenagem aos animais, às mulheres, aos poetas e à presidente do Sindicato dos Bibliotecários no Estado de São Paulo Vera Stefanov pelo seu trabalho em favor da sua categoria; pela sua contribuição para manter vivos os livros e a leitura nos corações dos homens; e pelo seu amor incondicional aos animais.

Agradecemos pela divulgação do *Linguagem Viva* no Sinbiesp, nas Bienais do Livro, entre outros eventos.

Fica nossa homenagem e agradecimento à Vera Stefanov pelo seu valioso trabalho em prol do livro, da leitura e para o enriquecimento das Letras e da Cultura brasileiras.



Vera Stefanov

AMARELO

Raquel Naveira

Só Van Gogh compreendeu à altura a minha paixão pelo amarelo. O amarelo é a cor mais bela, mais expansiva, mais ardente.

Que curiosa e estranha predileção Van Gogh tinha pelos girassóis. Foram várias telas retratando essas flores gigantes em pinceladas rápidas, em tons dramáticos de amarelo. Jarras com três, cinco, doze, quinze girassóis. Profusão de pétalas retorcidas, iradas. Os girassóis são ambivalentes: sob o sol são altivos e soberbos; quando surge a escuridão da noite se fecham sobre si mesmos. Misto de luzes, cores, amargura e solidão, os girassóis refletem o espectro da bipolaridade, doença mental e genética sofrida pelo próprio artista: ora eufórico e cheio de energia; ora triste, apático e culpado. Esses girassóis, assombrosamente fortes, foram pintados como um presente para o amigo, também pintor, Paul Gauguin, num tempo em que trabalharam juntos. Seriam para decorar a casa de Van Gogh em Arles, no sul da França, conhecida como "casa amarela", mergulhada num campo de girassóis. Depois da tensa ruptura da amizade entre os dois, Van Gogh teve uma crise nervosa que o levou a cortar a própria orelha e, mais tarde, deprimido, a dar um tiro no peito. Só depois de seu trágico suicí-

dio é que ele foi reconhecido mundialmente como gênio.

Amarelos também, de um matiz mais pálido, são os trigais e os montes de feno retratados por ele. Em "Casa de Fazenda na Provença" há uma fertilidade terrível, as hastes de trigo crescendo por todos os lados parecem uma ameaça ao homem que mal consegue caminhar. Van Gogh domina a natureza em cada traço amarelo do amido das espigas.

Certa vez, ele declarou: "A pintura está na minha pele... é um sol, uma luz, que eu só posso chamar de amarelo, porque não tem outra palavra... como o amarelo é lindo."

O amarelo é lindo. Enfeito sempre minha sala com flores amarelas. Tenho tantas lembranças de vestidos amarelos. Como aquele estampado de flores amarelas com miolos brancos que eu usava quando subi as escadas do avião que rumou em direção ao sol, ao mar, ao Rio de Janeiro.

Sei que minha morte será uma descida a fontes amarelas. Um dia estarei livre, na eternidade dourada.

Sou tonta, apaixonada pelo amarelo, compreende? Só Van Gogh compreendeu... você prefere o azul.

Raquel Naveira é escritora, poeta, professora universitária e membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do Pen-Clube do Brasil.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194) Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 96954744 - I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana* R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores. O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 2693-0392 - 97358-6255



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 70,00

Assinatura Semestral: R\$ 35,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME - agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 São Paulo - SP - 03062-000 - Tel.: (11) 2693-0392

Cel.: 97358-6255 - linguagemviva@linguagemviva.com.br

Planeta Terra

Rosani Abou Adal

Tuas florestas transformam-se em deserto de cinzas.
Tuas águas, em cloreto e iodo.
Espécies marinhas, pássaros, a vida em extinção.
Homens morrendo incuráveis.
Rios e lagos solitários, lendas do passado.
Teu pulmão poluído.
A camada de ozônio um sopro em espiral.
O que podemos fazer por ti se tuas crianças estão morrendo de fome?

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo. Autora de *Catedral do Silêncio*. Tem trabalhos publicados no Brasil, França, Portugal e EUA.

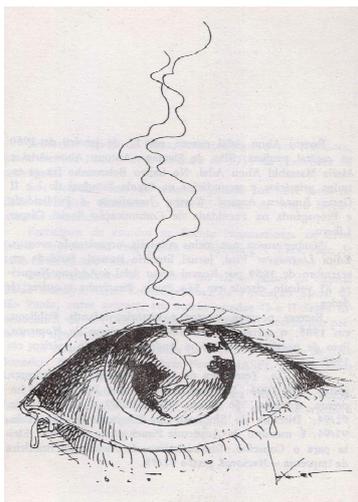
Jean-Paul Mestas, escritor, poeta, editor e tradutor, nasceu em Paris, França, em 15 de novembro de 1925. Faleceu em 24 de novembro de 2013, na França. Editor da revista *Jallons*, traduziu e publicou poetas brasileiros em antologias editadas pela Editora Universitária de Lisboa, entre outras editoras.

Ilustração de Xavier publicada no livro *De Corpo e Verde*, de Rosani Abou Adal, Scortecci Editora, 1992, São Paulo.

Planète Terre

tradução: Jean-Paul Mestas

Tes forêts se transforment en un désert de cendres.
Tes eaux, chlorure et iode.
Faune marine, oiseaux, vie qui s'épuise.
Hommes inguérissables.
Fleuves, lacs solitaires, légendes d'autrefois.
Ton proumon altéré.
Couche d'ozone, un souffle en spire.
Que pouvouns-nous faire de toi si tes enfants sont en trai de mourir de faim?



Dia Internacional da Mulher
8 de março

MULHER

Débora Novaes de Castro

Rosa majestosa,
margarida coração dourado,
mantos purpurados ou de chita,
confundindo sábios na cátedra da vida.

A virginal neblina das manhãs fagueiras,
maré cheia, novidadeira,
invadindo praias nas tardes confessionais.

A ostra prenha dos mares,
estremecida, parideira,
cascalho nacarado, abençoado,
doando pérolas meninas.

A Fênix revivida,
dos ocasos desvalidos
às rútilas alvoradas,
estrela, terra, água, teu nome é Mulher!

Débora Novaes de Castro é escritora, poeta, artista plástica e membro da Academia Cristã de Letras - SP, da Academia Paulista Evangélica de Letras - SP e da União Brasileira de Escritores - SP.

MEDO

Sonia Sales

A garça se espreguiça com indizível ternura é o momento da despedida.

Na escada de caracol dançam bailarinas casuais soeitrando músicas de coro.
Com nervos tensos as feras espreitam para dar o bote.

O medo paira no ar.

Sonia Sales é escritora, poeta, historiadora e membro da Academia Carioca de Letras.

Outono

Teruko Oda

Volto a ser criança
Em cada trouxinha de palha
Que esconde a pamonha!

No céu cristalino
A lua cheia de outono
parece sorrir.

Teruko Oda é escritora, poeta, professora e ex-presidente do Grêmio Haikai Ipê.

Camiseta 25 anos LV

criada por Xavier

R\$ 50,00

Inclusas taxas PAC - correio

linguagemviva@linguagemviva.com.br



Roberto Scarano

Advogado

OAB - SP 47239

Execuções
Família



Cível
Trabalhista

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

O busto do poeta

Manuel Bandeira – Uma saudade constante!

Geraldo Pereira

Aproveitei as festas carnavalescas, com o intuito de economizar saúde (necessidade inadiável). Debrucei-me sobre as obras completas de Manuel Bandeira, editadas em 1958, pela Aguilar. São dois volumes em papel bíblia, de quando em quando, também consultava Manuel Bandeira - *Andorinha Andorinha*, seleção de textos coordenados por Carlos Drummond de Andrade, editado por José Olímpio Editora, e lançado, no dia 19 de abril de 1966, em homenagem aos oitenta anos do poeta. Trata-se de um livro carinhosamente organizado por Carlos Drummond - onde o editor declara "a propósito ocorre-nos referir aqui uma confissão que há dois anos nos fazia M.B.: 'Não quero morrer sem um dia publicar um livro sobre o Carlos'". Esse Carlos, que em sua Ode, no cinquentenário de Bandeira, chamou-o "O poeta melhor do que nós todos, o poeta mais forte".

Quando cheguei ao mundo Bia e sua irmã Maria Pequena já estavam morando na casa grande da minha vó, parece que tinham perdido os pais, gente humilde, ela apegou-se muito a mim, dava-me banho, mudava minha roupa, me alimentava, ensinou-me a rezar. Mais tarde, preparava-me o lanche e me levava à escola. Talvez por isso, minha mãe fez dela minha madrinha. Como foi bom ser o seu afilhado! Eu tinha tanto respeito por Bia como por minha mãe. Antes de dormir pedia benção a ambas e beijava suas mãos.

Um dia falei de Bia para Bandeira "eu acho que Irene é muito parecida com Bia". Ergui a voz e declamei o seu poema 'Irene no céu':

*Irene preta
Irene Boa
Irene sempre de bom humor
Imagino Irene entrando no Céu:
- Licença meu branco!
E São Pedro Bonachão:
Entra Irene. Você não precisa pedir
licença.*

Quem era Irene, personagem do poema de Bandeira? Dou a palavra ao poeta: "Irene era uma preta, que arrumava a minha casa do Curvelo. Passava o ano juntando dinheiro, para vestir-se de baiana de carnaval, nas vésperas da qual, aliás, empenhava umas joiazinhas que possuía. Se já não é viva deve estar mesmo no céu".

Sempre tive uma imensa simpatia pela produção literária de Manuel Bandeira, e, por ele pessoalmente.

Menino, na Rua da União, no bairro da Boa Vista, no Recife, a casa onde nasceu Bandeira, exercia sobre mim, um fascínio muito grande. Acredito que li centenas de vezes a placa com dizeres alusivos ao poeta.

A exposição de suas obras, acompanhada de muitas fotos, bem como da opinião da crítica, no Recife de há meio século, também, muito contribui para que essa admiração se ampliasse cada vez mais.

Numa época em que a intelectualidade brasileira se dividia entre a esquerda e a direita, não era fácil para um jovem comunista, recitar Bandeira e ter sempre consigo os seus livros.

A esquerda tinha o Jorge Amado, Graciliano Ramos, Dalcídio Jurandir, Caio Prado Júnior, Álvaro Moreira, Afonso Schmidt. A direita possuía Manoel Bandeira, Alceu Amoroso Lima, Augusto Frederico Schmidt, Gustavo Corção, Jorge de Lima, eram dois grupos de respeito.

O sectarismo, a disciplina partidária, não permitia que a nossa sensibilidade fizesse 'propaganda de um inimigo declarado'.

Mais tarde no Rio de Janeiro, conheci o poeta pessoalmente. Magro, usava um aparelho contra a surdez. Trajava-se meio desengonçado, roupas compradas possivelmente nas lojas de crediários. Olhos pequenos, que diminuía ainda mais adiante das fortes lentes.

Sempre o vi andando às pressas pelas movimentadas ruas da Esplanada do Castelo, no centro do

Rio de Janeiro. Caminhava o poeta, acredito eu, em busca de uma condução que o levasse à Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil - onde ele pontificava como titular da cadeira de Literatura.

Certo dia encarei. A pressa foi derrotada fragorosamente por um longo bate-papo, com um convite para visitá-lo em seu apartamento da Avenida Beira-Mar, pertinho do aeroporto Santos Dumont, no centro da cidade.

Da primeira vez, o procurei, eram quase 10 horas da manhã. Toco a campainha, vendo o litro de leite junto à porta, disse comigo: "O poeta não está." Nessa época, a poesia se fazia presente em tudo. O leiteiro deixava o leite, o padeiro deixava o pão, na porta dos seus clientes, o que nos permitia, uma ou outra vez, quando das noitadas, mais por anarquia, nos fartarmos às custas alheias. Bandeira não tinha passado bem à noite, disse-me. Abaixou-se para apanhar o leite, me antecipo. Pergunto-lhe se quer comprar algum remédio: "Estou às suas ordens". Agradece, e pede-me para passar depois.

Quantas vezes passei, quantos papos batemos, sinceramente não sei. Foram muitos.

Certa manhã, o visito. Estava de partida para o Recife. Dou-lhe o conhecimento: "Estou indo para a 'terrinha', você quer alguma coisa Bandeira?" Ele agradece e diz que não. Despedimo-nos. Fecha a porta, de imediato, abre-a e me chama. Fixando-me bem nos olhos pergunto: "Você conhece o Arraes?" Arraes

era o prefeito do Recife. Bandeira me informa que o Arraes havia vetado a Lei aprovada pela Câmara Municipal, que autorizava a colocação do seu busto, numa praça no centro da cidade. Senti que Bandeira estava magoado. "Fale com ele", repetiu. Não falei nada com Arraes, nem sei se teria acesso. No avião a frase do poeta tomava conta do meu subconsciente: "Fale com ele."

Chego ao Recife. Preciso de alguém que tenha acesso ao prefeito. À tardinha, casualmente, na Praça Joaquim Nabuco, na capital pernambucana, encontro o líder comunista David Capistrano, dirigente máximo do PC em Pernambuco, homem de prestígio e alta respeitabilidade.

Prefeito do Recife só se elegia com apoio comunista. Arraes teve apoio, se elegeu com 70% dos votos dos recifenses.

Eu tinha uma profunda admiração por David, sua biografia me empolgava. Sua coragem e seu amor à Pátria serviam de exemplo.

Falei com David: "Preciso de sua ajuda. Bandeira não é um inimigo do partido, Bandeira é um poeta. É pernambucano, é meu amigo!" David pediu-me para aguardá-lo, naquele mesmo local (uma casa de eletrodomésticos de um simpático do partido), no outro dia, na mesma hora".

Pontualmente, David chega e me diz rindo, que Arraes vetou a Lei, alegando que o poeta Manoel Bandeira, há mais de 30 anos, não vinha ao Recife.

LIVRARIA BRANDÃO 

Comprav-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br



Geraldo Pereira e Manuel Bandeira - 1958 - no apartamento do poeta

Getúlio Vargas era o presidente da República, havia assinado o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, por cujo acordo, teríamos que acompanhá-los nas suas guerras imperialistas, como a da Coreia, por exemplo. Eles estavam exigindo a nossa presença. E os comunistas estavam nas Praças Públicas liderando a campanha contra o envio dos nossos soldados, a fim de não servir de 'bucha para canhão'. Elisa Branco, uma líder comunista, ganhadora do 'Prêmio Stalin da Paz', foi presa e condenada a quatro anos e seis meses de prisão, tendo cumprido mais de três, visitei-a no Presídio do Hipódromo. Seu crime: abriu uma faixa no Viaduto do Chá,

no desfile Militar de Sete de Setembro, com os dizeres "Os soldados, nossos filhos, não irão para Coreia!" Grande e saudosa Elisa Branco, as homenagens desse seu companheiro de lutas. Com esse gesto heroico e corajoso, Elisa salvou muitas vidas dos nossos jovens. É bom lembrar que essa guerra teve início em 25 de junho de 1950 e terminou em 27 de julho de 1953. Morreram três milhões de coreanos e 40 mil americanos.

Havia chegado ao Brasil, encontrava-se ancorado na Baía da Guanabara um porta-aviões americano. Manuel Bandeira fez um poema, saudando a moçada americana. Poeticamente afirmava: "Entre, vamos andando, a casa é sua." Caímos de pau em cima do poeta.

Há pouco, no Recife, faço um passeio cultural pela cidade, em frente ao Rio Capibaribe, contemplando-o, encontro com Manuel Bandeira. Cabelos bem penteados, sentado, pernas cruzadas, seu olhar está fixo no Capibaribe, Capibaribe que ele cantou tantas vezes e de tantas saudades. A escultura, eu não sei se é de Abelardo da Hora, o genial escultor pernambucano, cuja arte e prestígio ultrapassaram as nossas fronteiras.

Ontem eu sonhei com o poeta Manuel Bandeira. Estava vestido de branco, e sorria muito para mim. Amanheci alegre e com muita saudade dele.

Geraldo Pereira é escritor, jornalista e conselheiro da Associação Brasileira de Imprensa.

O CHÃO BATIDO

Eunice Arruda

I

Não nos perdoem
os que nascerão
amanhã

Deixamos como herança a
busca inesperada que
fomos

neste chão

batido de passos incertos
onde cabeças se abaixam
sem resposta

Ainda esperamos aqueles
que hão de
nascer

com as veias sangrando de
angústia e um grito
contido na boca

Não nos perdoem

EUNICE ARRUDA

(do livro "O chão batido",
incluído em "Poesia Reunida",
Pantemporâneo, 2012)

**Eunice Arruda é escritora,
poeta e pós-graduada em
Comunicação e Semiótica
pela PUC-SP.**

Presença da Mulher

Amaryllis Schloenbach

Não podemos ignorar
este grito sufocado
e que à tona vem agora!
Este canto sazonado
não se deve mais calar:
já não pode haver demora!

Ergamos bem alto a voz
para dizer da ferida
que sangra dentro de nós!
Por que aturar sem disputa
essa eterna submissão,
se estamos juntas na luta?

Ser mulher é ter missão
de preservar o futuro
em nosso ventre guardado.
Por isso deve ser puro
o mundo que nos é dado
para cumprir tal mister.

Esta é a difícil batalha
e só vence quem trabalha
em realizar a esperança,
com muita perseverança,
de mudar certos conceitos,
conquistar reais direitos!
Comprovar, enfim, que amar
na verdade é respeitar
a presença da mulher!

**Amaryllis Schloenbach é
escritora, poeta, cronista,
tradutora, advogada e
jornalista.**

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS
- CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO -
COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES -
CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

**Opções de compra: Livraria virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br
via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:
Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.**

Carro, orquídea e raquete

Odete Mutto

- Aonde?
- Na piscina. Vê se não chega tarde.
- Vou voando pr'aí.
Desligou o telefone. O pai atravessou a sala apressado, sem prestar atenção nela. Elma segurou-o:
- Pode me levar?
- Não espero ninguém. Se você está pronta vamos.
- Estou.
Apanhou a bolsa e a raquete de tênis. Na igreja ao lado, o carrilhão deu três horas. Estremeceu ao ouvir as pancadas. Lembrou-se das freiras. Elas condenariam o que ia fazer. Ora, que fossem para o inferno. Quem é que podia saber se elas também não tinham as suas aventurinhas?
- Este câmbio está imprestável. Não sei como sua mãe pode guiar uma carroça destas!
O pai reclamava contra o estado do carro. Elma já estava habituada com aquilo. Ele com os automóveis, a mãe com as orquídeas. Desde menina aprendera a dirigir. Agora, aos quinze anos, esperava apenas a maioridade para a habilitação. Sabia tanto de carros como de orquídeas. Conhecia espécies raras de ambas as coisas. No Estados Unidos, conseguiu sentar-se no primeiro "Ford" fabricado em Paris e viu uma "Oncidium Macrantum" quase do tamanho de um girassol.
O sinal fechado irritou ambos. Dezembro acompanhava-se de um sol quase causticante.
- Vou transpirar, vou chegar mais suada que um carregador. E eu pretendia parecer diáfana, etérea... Porcaria de tempo, porcaria...
O último "porcaria" já não era pensamento, era voz. O pai confirmou:
- Porcaria mesmo, tanto tempo parado...
Luz verde. Foram rodando. Na porta do clube pararam.
- Pego você na volta?
- A que horas?
- Cinco e meia.
Ela calculou mentalmente. Duas horas, será que dariam? Márcio estava de carro mas, mesmo assim, era difícil prever.
- E então?
- Se eu estiver aqui na porta, tudo bem. Do contrário você pode ir embora.
O homem acelerou pesado. Elma correu ao encontro do namorado.
- Demorei?
- Um pouco.
- Lá em cima ficamos presos no farol.
- Sua mãe trouxe você?
- Não, vim com meu pai. Ele me pega aqui as cinco e meia.

O rapaz olhou-a surpreendido.
- Tão cedo?
- Caso eu não esteja ele vai embora...
- Ainda bem!
Puxou-a para si. Ela reteve a respiração. Lera isso nos romances quando as heroínas eram abraçadas pelos amantes.
- Vamos cair fora. Seu pai deve ter sumido.
- Há muito tempo. Aquele tem mania de velocidade.
Alcançaram a rua correndo. Elma lembrou-se:
- Você avisou o porteiro, alguém pode me procurar, sei lá...
- Fica fria. Dei uma gorjeta que vale a metade do salário dele. Esse aí não viu nada nem ninguém.
A capota do carro aberta poderia chamar a atenção de algum conhecido. Márcio quis descê-la, Elma se opôs:- Deixa, ponho os óculos escuros. Quem vai nos reconhecer nesta corrida doida?!

O rapaz riu. De tudo, o que ela mais gostava no namorado era aquele sorriso. Encostou-se em Márcio. Sussurrou:
-Vamos depressa.
- O.K. ,-respondeu ele sentindo um duplo calor.
Antes do Pico do Jaraguá entraram por um atalho esburacado, rodaram cinco minutos devagar.
-É ali.
Escondida entre árvores enormes, estava a casa. Elma perguntou:- Você tem a chave?
-Claro.
Desceram. Um cachorro passou despreocupado. Agora estavam no terraço.
- É se chegar alguém?
- Não abro.
Ela objetou:
- Alguma pessoa que tenha a chave, seu pai por exemplo.
Márcio anuviou-se. Só faltava o velho aparecer e fazer um flagrante daquela aventura. Logo ele, moralista, conservador, defensor dos bons costumes, ia render uma briga feia. Tentou não pensar naquilo, seria azar demais
- Venha.
Elma obedeceu. Seus passos ecoaram na penumbra do vestíbulo silencioso. - Parece filme, pensou.
- Bobagem. Vamos subir.
- Estou com sede.
- Lá em cima tem bebida.
Foram. Na semi-obscuridade da escada os dois, muito unidos, não

se lembraram de mais nada, exceto deles mesmos.
- Por aqui.
Guiou-a até um quarto enorme no fundo do corredor.
- Foi de vovó, depois de mamãe, agora é seu...
Elma estranhou tudo: as proporções do aposento, o estilo dos móveis, o cheiro esquisito. Mas não teve muito tempo para pensar nisto. As mãos de Márcio, apalpando-lhe o corpo, fizeram-na esquecer de tudo, inclusive da sede que ainda há pouco sentia.
Quando acordaram, as roupas dela jaziam no chão, atiradas. O rapaz ajuntou-as.
- Que horas são?
- Não sei, mas ainda não escureceu.
- Estou com sede.
- Ainda?
- Não bebi nada, você esqueceu? Largou as roupas e rápido voltou com dois copos cheios.
- Tônica e gin.
- Mamãe vai sentir o cheiro, mas não dirá coisa alguma.
Ficou melancólica por um segundo. Márcio percebeu:
- Que deu em você? De repente está triste...
- Nada. Estou contente porque isto aconteceu.
- Verdade?
- Verdade. Você não queria acreditar que era a primeira vez.
Ele sentiu uma pontinha de remorso. Nunca acreditara que ela não tivesse pertencido ainda a nenhum outro. Ajudou-a vestir-se.
- Estou cansada, horrivelmente cansada.
Ele a abraçou com ternura, agradecido.
- Isso passa logo.
- Quero só ver... Tenho exame amanhã e ainda não abri um livro. Posso lavar o rosto?
- O banheiro é aí ao lado.
Ela foi. Acendeu a luz. Um espelho embutido refletiu-lhe a silhueta. Parou e ficou a observar-se. Lá estavam os cabelos louros, os olhos verdes, as pernas compridas e bem feitas. Tudo estava igual, absolutamente igual. Sentiu um estranho desencanto ao ver que não mudara nada.
- Puxa! Você demorou...
- Fiquei olhando o espelho.
- Não sei porque papai conserva aquela relíquia...
Elma não respondeu. Abotoou o cinto; estava pronta.

- Vamos embora?
- Vou limpar i cinzeiro.
Foi. A moça, devagar, desceu as escadas. Parada no meio do vestíbulo esperou o companheiro.
- Veja... A porta está apenas encostada... Será que entrou alguém? Ela o tranquilizou:
- Não. Você deixou a porta aberta. Não se lembra?
- Francamente, não.
- Mas deixou.
O escapamento do carro levantou uma nuvem de poeira. Elma virou a cabeça para trás. A casa sumiu.
Olhou o relógio de pulso: cinco e quinze. Se pudesse telefonar ao pai, voltaria com ele.
- Pare no primeiro telefone público; vou ver se consigo pegar o vello...
O rapaz estranhou:
- Pensei que eu pudesse levá-la, pelo menos hoje...
- Nada disso... Eles não se importam de saber as coisas, mas ficam furiosos se as veem...
Saltou num bar. Pediu uma moeda. A voz da secretária do pai atendeu. Depois ele.
- Você já está saindo?
- Ainda não. Por quê? Atrasei-me um pouco no tênis.
- Passo as seis então.
- Está certo.
Desligou. Correu para o auto:
- Toca a correr, preciso chegar antes das seis, nem que seja um minuto só.
Ele obedeceu. Não respeitava sinal algum. Quando chegaram, faltavam três minutos. Ela desceu apressada. O namorado reteve-lhe a mão:
- Daqui a pouco eu telefono.
- Está bem. E agora suma.
Partiu. Na esquina cruzou com o pai dela.
Elma ligou o rádio. A estática impediu-a de ouvir a música que pedia. No cruzamento, o pai parou bruscamente, quase em cima de um pedestre. Houve a habitual troca de amabilidades... Já rodando, Elma olhou para trás, a fim de verificar se o grupo de curiosos se dispersara. Seus olhos toparam com a raquete no banco traseiro. Havia esquecido. Quis constatar se o pai percebera:
- Ganhei duas partidas! - disse ela com cinismo. A raquete é uma maravilha!
O homem mal ouviu. Estava atento a um ruído novo, que desconhecia. Talvez algum parafuso frouxo, falta de lubrificante ou qualquer pedrinha metida em um dos pára-lamas...

Odete Mutto é escritora, dentista e membro da UBE.

Concursos

9º Concurso Nacional de Contos, promovido pela Academia Mineira de Letras e projeto Livro de Graça na Praça, está com inscrições abertas até o dia 30 de abril.

O tema será relacionado a algum ditado, provérbio ou locução popular.

Os interessados poderão inscrever até dois trabalhos inéditos, em Língua Portuguesa, com no máximo quatro laudas digitadas com até 10.000 caracteres e numeradas.

É obrigatório o uso de pseudônimo. Os originais não serão devolvidos.

Premiação: Publicação de até três contos vencedores com textos de outros autores. A obra será distribuída gratuitamente durante o evento Livro de Graça na Praça.

Os trabalhos deverão ser enviados a LIVRO DE GRAÇA NA PRAÇA – 9º CONCURSO NACIONAL DE CONTOS, Avenida Augusto de Lima, 407, conj. 703, Belo Horizonte - MG - 30.190-000.

Edital: <http://livrodegracanapraça.blogspot.com.br/>

Informações: Tels.: (31) 3274-9770 e 9149-9011 - Livro de Graça na Praça: (31) 3222-5764 e 3273-1499 - Academia Mineira de Letras.

XVII Concurso Literário Manuel Maria Barbosa Du Bocage, promovido pela Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, está com inscrições abertas até o dia 5 de Junho.

Modalidades: Poesia, Revelação e Ensaio.

Os interessados poderão inscrever trabalhos inéditos, em apenas uma modalidade, com tema livre, em quatro vias, formato A4, espaço 1,5 de entrelinhas, fonte times news roman e corpo 12.

Os poemas deverão ter de 20 a 30 páginas; os ensaios, sobre a vida ou obra de Bocage ou aspectos do século XVIII relacionados com o poeta, com 15 a 30 páginas; e a modalidade Revelação (para jovens nascidos após 31 de dezembro de 1993), em poesia ou em prosa, de 4 a 6 páginas.

É obrigatório o uso de pseudônimo.

Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, Apartado 292, 2901- 901 - Setúbal - Portugal.

Premiação: Poesia - € 2 000,00 (dois mil euros); Revelação - € 1 000,00 (mil euros); Ensaio - € 2.000,00 (dois mil euros).

Os trabalhos vencedores em cada uma das modalidades serão publicados em livro pela LASA. Os autores receberão 50 exemplares de direitos autorais.

Edital: <http://www.lasa.pt/index.php/concursos/regulamento>

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br



Livros

65 Poetas Crítica Literária Poética, de Pedro Pires Bessa, Ibis Libris, Rio de Janeiro, RJ, 168 páginas, R\$ 33,00.

ISBN: 978-85-7823-209-2.

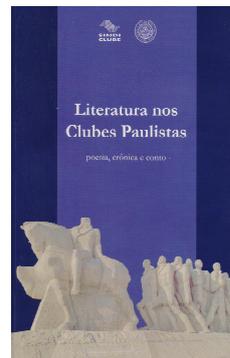
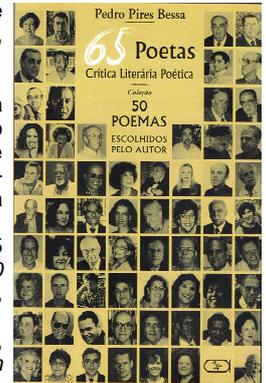
O prefácio é de Waldir Ribeiro do Val e a apresentação de Márcia Pereira. As notas são de Aricy Curvello. Pedro Pires Bessa é crítico e professor universitário, Doutor em Teoria Literária pela UFRJ e Pós-Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ.

A obra reúne críticas e estudos dos 65 poetas que foram publicados na coleção *50 Poemas Escolhidos pelo Autor* (2003-2014), Edições Galo Branco, Rio de Janeiro, RJ.

Dentre os 65 poetas estudados na obra, destacamos os colaboradores do *Linguagem Viva* Aricy Curvello (páginas 75 e 76), Alice Spíndola, Sonia Salles, Francisco Miguel de Moura, Joanyr de Oliveira e Anderson Braga Horta; os poetas da Academia Brasileira de Letras Lêdo Ivo, Antonio Olinto, Carlos Nejar e Antonio Carlos Secchin.

Segundo Márcia Pereira, "Este livro de Pedro Pires Bessa trata disso: do olhar, da leitura e do inesquecível encontro com a emoção da Poesia. São 65 poetas brasileiros da melhor estirpe."

Ibis Libris: <http://ibislibris.loja2.com.br/>



Literatura nos Clubes Paulistas - poesia, crônica e conto, antologia, Academia Paulista de Letras e Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo, São Paulo, SP, 202 páginas. As apresentações são de Cezar Roberto Leão Granieri e do acadêmico Antonio Penteadomendonça.

A obra reúne poemas, contos e crônicas classificados em três edições do *Prêmio Sindi-Clube / APL de Literatura, Poesia, Crônica e Conto*, promovido pela Academia Paulista de Letras e Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo. Foram publicados os vencedores em primeiro, segundo e terceiro lugares de cada categoria; bem como os agraciados com menção honrosa.

Sindi-Clube: www.sindiculubesp.com.br

Academia Paulista de Letras: www.academiapaulistadeletras.org.br

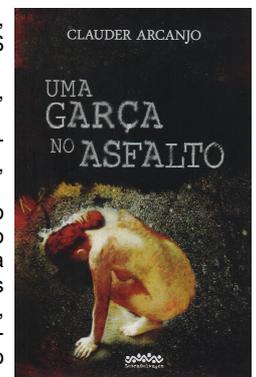
Uma Garça no Asfalto, Cláuder Arcanjo, LetraSelvagem, Taubaté, SP, 174 páginas, R\$ 30,00. ISBN: 978-85-61123-13-0.

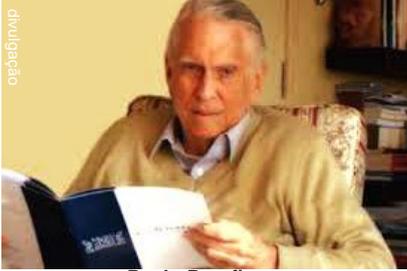
O autor é engenheiro, professor, contista, poeta, cronista e resenhista literário.

A obra reúne 55 crônicas que foram originalmente publicadas no jornal *Gazeta do Oeste*, da cidade de Mossoró (RN).

O título *Uma garça no asfalto* remete ao tema das coisas "fora do lugar" e ao absurdo que está na base de toda boa literatura. Da vida para as páginas do livro, saltam tipos e figuras surpreendentes, seres socialmente invisíveis, humilhados e ofendidos, mínimos e desprezados, na paisagem existencialmente árida do Nordeste brasileiro.

LetraSelvagem: www.letraselvagem.com.br





Paulo Bomfim

Paulo Bomfim foi agraciado com o *Prêmio Governador* como Destaque Cultural 2014. Na cerimônia de premiação, realizada no dia 23 de fevereiro, no Theatro São Pedro, em São Paulo, o governador Geraldo Alckmin entregou o troféu em reconhecimento a sua trajetória e contribuição para a cultura brasileira. O evento foi prestigiado pelo presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, desembargador José Renato Nalini, pelo secretário estadual da Cultura, Marcelo Mattos Araújo, entre outras autoridades.

Evaldo Cabral de Mello tomará posse no dia 27 de março, às 21 horas, para ocupar a cadeira nº 34 da Academia Brasileira de Letras que foi ocupada por João Ubaldo Ribeiro. Ele será recebido pelo acadêmico Eduardo Portella. O acadêmico Alberto Venancio Filho fará a entrega do diploma e o acadêmico Alberto da Costa e Silva a aposição do colar.

Inezita Barroso, cantora ícone da música sertaneja brasileira e apresentadora do programa *Viola, Minha Viola* da TV Cultura de São Paulo, faleceu no dia 8 de março, aos 90 anos, em São Paulo. Foi eleita, em novembro de 2014, para a Academia Paulista de Letras, mas não chegou a ser empossada.

Paulo José da Costa Jr, escritor, jurista, advogado, professor, livre docente pelas Universidades de São Paulo e de Roma, faleceu no dia 2 março, aos 90 anos, em São Paulo. Autor de *Crimes Famosos*, uma análise dos delitos *O Crime da Rua Cuba* e *O Maníaco do Parque*, entre outros livros. Era titular da cadeira de Direito Penal da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e membro da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo e da Academia Paulista de Letras.

A Câmara Brasileira do Livro elegeu nova Diretoria, no dia 26 de fevereiro, que terá como Presidente Luís Antonio Torelli, Vice-Presidente Administrativo e Financeiro Vitor Tavares da Silva Filho, Vice-Presidente de Comunicação Luciano Monteiro e como Vice-Presidente Secretário Hubert Alquéres.

O Dia do Bibliotecário foi homenageado pela Fundação Biblioteca Nacional, no dia 12 de março, no Auditório Machado de Assis. A mesa de abertura contou com as participações de Renato Lessa, presidente da FBN, Ana Lígia Medeiros, diretora do CCSL, e Liana Amadeo, diretora do CPP. Liliansa Giusti Serra proferiu a palestra *As tecnologias de informação e comunicação e os bibliotecários*.

O 20º Encontro do Clube de Leitura da Academia Paulista de Letras será realizado no dia 26 de março, quinta-feira, às 19 horas, na Academia Paulista de Letras, Largo do Arouche, 312, em São Paulo. O livro em pauta é *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Inscrições: clubedeleitura@academiapaulistadeletras.org.br

Notícias

O 35º Salão do Livro de Paris, que será realizado de 20 a 23 de março, presta homenagem ao Brasil que será convidado de honra. O estande brasileiro, coordenado pelo Ministério da Cultura, ocupará um espaço de 500m² com dois auditórios, uma livraria de 200m² com livros dos autores brasileiros e praça para eventos. www.salondulivreparis.com

A Fundação Biblioteca Nacional alterou, no dia 23 de fevereiro, horário de funcionamento com o objetivo de oferecer atendimento melhor ao público e racionalizar o consumo de energia. Segunda a sexta-feira, das 9h às 19h, e sábados, das 10h30 às 15h.

A Fundação Biblioteca Nacional está com inscrições abertas até 1 de maio para bolsas de apoio à tradução e publicação de obras de autoras e autores brasileiros às editoras estrangeiras interessadas em traduzir, publicar e distribuir, no exterior, livros previamente editados no Brasil, em português.

A Flipoços será realizada de 25 de abril a 3 de maio, no Espaço Cultural da Urca, em Poços de Caldas, MG. Tatiana Belinky será homenageada e Ziraldo o patrono.

A Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas e o Festival Literário (Flipoços) completarão 10 anos de atividades em 2015.

O Dia Nacional da Poesia, 14 de março, foi comemorado por escritores do Centro Literário de Piracicaba, do Grupo Oficina Literária de Piracicaba, Academia Piracicabana de Letras, Sarau Literário e Clube dos Escritores.



Nélida Piñon

Nélida Piñon foi agraciada com o *Prêmio El Ojo Crítico Iberoamericano*, outorgado pela Rádio Nacional de Espanha do grupo da RTVE. A entrega da láurea foi realizada no dia 16 de fevereiro, no Museo Reina Sofia, em Madri.

Nélida Piñon tomou posse, no dia 12 de março, como titular da Cátedra José Bonifácio do Centro Ibero-Americano da Universidade de São Paulo para o exercício de 2015. A primeira brasileira a ocupar a Cátedra substituirá Enrique Iglesias, economista, ex-Presidente do BID e da Secretaria Geral Ibero-Americana. O Acadêmico e professor Alfredo Bosi saudou a nova titular.

Xilografuras de Zorávia Bettiol ficarão expostas de 26 de março a 27 de abril, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, de 5ª a 2ª. feira, no Museu Casa da Xilografia, Av. Eduardo Moreira da Cruz, 295, em Campos do Jordão, SP. www.casadaxilografia.com.br

xavierlima@terra.com.br
xavierdelima1@gmail.com
(14) 3731-9471
(14) 99161-0675 (Claro)
(11) 97958-6182 (Tim)
www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Indicador Profissional

Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

